

Próxima renegociação da dívida ^{act} começa a ser discutida em agosto

por Cláudia Safatle
de Brasília

A partir de agosto deste ano o governo brasileiro inicia, formalmente, a discussão com os banqueiros internacionais e com os governos dos países credores, para traçar a estratégia de renegociação da dívida externa brasileira para os próximos três a quatro anos.

O presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, garantiu que os últimos contatos com alguns dos principais credores do País, como o almoço de ontem com o presidente do Manufacturers Hanover Bank, John F. Macgillucudy, e o de segunda-feira última com o presidente do Bank of America, Samuel Armacost, "não significa uma tentativa de fazer



Affonso Celso Pastore

uma sondagem preparatória para a renegociação de 1985".

O encontro com Macgillucudy, que contou com a presença do ministro da

Fazenda, Ernane Galvêas, e do Planejamento, Delfim Netto, foi para "uma troca de impressões sobre as perspectivas de crescimento econômico dos países desenvolvidos, principalmente dos Estados Unidos", minimizou Pastore.

O presidente do Manufacturers Hanover Bank esquivou-se da imprensa alegando cansaço — ele chegou ontem pela manhã do México e adiantou que somente falará amanhã, quando estará em São Paulo para contatos com empresários e banqueiros.

Embora Pastore tenha garantido que não se tocou na questão da renegociação da dívida no encontro de ontem, ele endossou a posição do presidente do Bank of America que, na última segunda-feira, defendeu a necessidade de

uma renegociação de maior fôlego.

"Armocost tocou no ponto sensato da discussão. São idéias que têm de ser perseguidas e que se estão materializando", observou o presidente do BC, ponderando que esta é uma tarefa que deve ser perseguida "com calma, mediante um consenso entre os bancos credores e os países.

IMPORTAÇÕES

O presidente do Banco Central admitiu ainda que, ao conseguir reduzir o déficit em conta corrente em aproximadamente US\$ 1 bilhão na meta deste ano — passando, portanto, a trabalhar com um cifra de US\$ 5 bilhões — pode-se pensar em abrir um pouco mais as importações do setor privado, criando mais espaços ao crescimento econômico.